

APRESENTAÇÃO

PRESENTATION

O presente Dossiê – *História, Literatura e Literatos* – congrega artigos de pesquisadores de várias instituições do País, que vêm dedicando-se ao estudo de diversas temáticas acerca do universo social de produção, circulação e recepção literárias no Brasil dos séculos XIX e XX. Esse é o primeiro ponto em comum dos trabalhos aqui publicados. A leitura dos artigos suscitou-me a ideia de que, após cerca de três décadas do início da frutífera produção historiográfica junto à literatura – que veio a integrar o repertório das fontes históricas – não causa hoje qualquer polêmica o uso de obras literárias para a reconstrução do passado. A fonte literária foi, definitivamente, alçada à condição de uma experiência que compõe e institui o imaginário e a subjetividade de diferentes espaços e temporalidades. Mas nem sempre foi assim.

No entanto, não nos ocuparemos, neste espaço, das discussões sobre o percurso da História como disciplina acadêmica – da Escola Metódica, passando pelo Movimento dos Annales, chegando à História Cultural, em seu entendimento sobre as fontes e, em especial, sobre as fontes literárias.¹ Poderia traçar esse clássico caminho. Mas, para os propósitos que este texto almeja alcançar, considero mais profícuo ir direto aos pontos a sublinhar com relação aos artigos deste Dossiê. Não obstante existam modos diversos de trabalhar a literatura no campo da História, os mencionados artigos têm muito mais pontos de convergência do que diferenças. E é em alguns deles que esta apresentação pretende deter-se. Em primeiro lugar, nota-se, de um modo geral, que a literatura é concebida como um fenômeno histórico e cultural, ou seja, intimamente associada ao contexto social de produção. A esse respeito, no início da década de 1980, Nicolau Sevcenko – um dos primeiros historiadores brasileiros a ter como objeto central de análise a literatura – não colocava em dúvida seu valor artístico e sua função de “agradar” e “comover” os leitores; porém, também a essas características ele acrescentava uma indagação: “[...] mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais?”²

¹ A esse respeito, ver: DUMOULIN, Oliver. “Documento”. In: BURGUIÈRE, André. *Dicionário de ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

² SEVECENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 20.

Escritores, problemáticas e métodos distintos – como o leitor poderá perceber – integram o conjunto dos artigos aqui publicados, mas demarcados por uma postura que articula a literatura com o mundo social e cultural de sua época. O que me leva ao segundo ponto que gostaria de destacar: a conjugação de texto e contexto. Tal aspecto nos mostra que o historiador não precisa escolher entre *análise textual* e *análise contextual*. Como podemos divisar no encaminhamento das análises empreendidas pelos autores, esse é um falso dilema, tributário das oposições que se estabeleceram entre a tradição marxista e a estruturalista. Tal discussão esteve no palco dos debates dos historiadores brasileiros, em especial na década de 1990. A partir dos métodos e teorias da Linguística, da Semiótica ou da Hermenêutica, parte deles voltou suas preocupações muito mais para o modo como a literatura se realiza do que para o seu conteúdo.

Atualmente, talvez seja mais sensato não buscar uma rigidez quanto ao método a ser seguido no tratamento das fontes literárias, mesmo porque este, como afirma Antonio Celso Ferreira, “será sempre construído pelo pesquisador no contato com seu objeto.”³ Trata-se de um aspecto que abre margem para destacar um terceiro ponto central relativo aos textos que compõem este Dossiê: a pesquisa empírica. Antes de partir de um método e uma teoria em específico, delineiam-se histórias e versões cuja decodificação e (re)criação foram possíveis, tendo como base uma materialidade. Nesse sentido, detecta-se um duplo movimento na forma de análise dos dados encontrados pelos autores. De um lado, leem-se as marcas da sociedade e da cultura no interior dos textos; de outro, busca-se a compreensão de seu significado na sociedade. Desse modo, por mais que evitemos os rótulos, podemos filiar as pesquisas apresentadas à História Social da Literatura e à História Cultural.

Com exceção de um dos artigos, o *corpus* documental central das pesquisas apresentadas consiste em jornais e revistas do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Esses suportes de publicação estiveram intimamente ligados à produção literária do período referido. Sem eles não se pode compreender a atuação dos literatos nem a formação da literatura e dos leitores no Brasil. Se, no século XIX, o jornalismo era uma atividade que propiciava aos escritores uma “renda suplementar” – cada vez mais indispensável para os da geração de 1870, aliás –, para os autores das duas primeiras décadas do século XX torna-se a atividade central.⁴ Não é ao acaso, portanto, que as fontes centrais da maioria dos artigos sejam jornais e revistas.

Este Dossiê é composto por cinco artigos. Dois deles – “Mistérios do Rio de Janeiro: em torno das *Memórias de um Sargento de Milícias e seu público*”, de Jefferson Cano, e “*Padre Belchior de Pontes* no universo folhetinesco dos jornais campineiros da década de 1870”, de Célia Regina da Silveira – colocam em cena as leituras dos primeiros leitores das obras

³ FERREIRA, Antonio Celso. “A fonte fecunda”. In: PINSKY, Carla; LUCA, Tania (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 81.

⁴ Cf. MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.54.

publicadas em folhetim nos jornais. Caminho que torna possível apreender outros significados sobre os romances, que não estão presentes nas histórias literárias convencionais.

O artigo de Denilson Botelho, “Sobre os meios e modos de fazer Jornalismo na Primeira República: Lima Barreto entre a história e a ficção”, desenvolve o tópico das lutas travadas por Lima Barreto num universo em que boa parte dos escritores respondia às demandas das instâncias dominantes da vida cultural. Em “Da revolução à regeneração: crônicas de Machado de Assis e de Olavo Bilac sobre a Argentina”, João Paulo Coelho de Souza Rodrigues, por meio de um enfoque comparativo, mostra as visões distintas desses dois escritores sobre a Argentina, das quais se depreende também o entendimento deles sobre o Brasil.

Num contexto distinto dos enfocados pelos demais autores – o da profissionalização do escritor –, Ana Paula Palamartchuk, em “Hamlet acabará Narciso? Associação Brasileira de Escritores (1941-1945)” dedica uma análise minuciosa às discussões que foram encetadas no Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores promovido pela Associação Brasileira de Escritores e ocorrido em São Paulo, em 1945.

Há muito mais que cabe ao leitor descobrir. Convido-o, portanto, à leitura dos artigos deste Dossiê.

Célia Regina da Silveira

Coordenadora do Dossiê
Londrina, junho de 2013